

textos / 70



IMUNDAÇÃO

de Marta Freitas

Fotografia: João Tuna

RGT
revistagalegadeteatro

Nº 73

Conheci profissionalmente a Marta no espetáculo *Cem Lamentos* que encenei para a Tenda de Saias, no Porto, em 2010. Esta companhia queria colaborar com uma dramaturga que embarcasse no projeto, e eu convidei imediatamente a Marta Freitas. Esse primeiro projeto com a autora consistiu na criação de um texto original escrito propositadamente para o grupo. Contudo, tive a oportunidade de ler outros textos que a Marta tinha produzido anteriormente. Este primeiro contacto com o trabalho da Marta Freitas mostrou-me e aproximou-me inevitavelmente do universo da dramaturga, pela leitura dos seus anteriores textos e, de uma forma muito particular, pelo processo de escrita que decorreu durante um primeiro momento de ensaios. Este momento de criação culminou numa apresentação, um ensaio aberto, em que apresentamos uma primeira parte do espetáculo ao público. A Marta só terminou o texto e “fechou a trama”, depois desta primeira apresentação, assumida como parte integrante do processo de criação. Seguiu-se, mais tarde, uma viagem aos Açores ao Teatro de Giz; o texto *Imundação* foi escrito durante os ensaios à distância que separa a Ilha do Faial do Porto. *Na Hora Errada*, em 2012, surgiu de um convite que me foi feito pela autora e pela sua companhia Mundo Razoável, oferecendo-me a possibilidade de continuar a explorar este universo tão singular, corajosamente feminino e errante. Para mim, trabalhar os textos da Marta é colocar-me numa zona de desconforto, realçando intencionalmente na encenação a ironia e a perversidade que identifico nos seus textos. Uma linguagem acutilante, excêntrica, de uma propositada banalidade cruel.

Os seus textos são um “lugar estranho” onde o público se revê e se identifica.

Uma das muitas qualidades que reconheço na Marta enquanto dramaturga é a transversalidade do seu trabalho, que se traduz na possibilidade de experimentação e diferentes processos de escrita dramática e criação cénica. E é assim que eu conheço a

Marta, de projeto em projeto, de escrita em escrita, sempre desafiante, sempre diferente, sempre ela. A sua vasta formação e experiência profissional em diferentes áreas das artes cénicas -como atriz, formadora, dramaturga e, mais recentemente, como encenadora- e a sua personalidade empreendedora e inteligentemente construtiva e criativa caracterizam uma dramaturga invulgar que se espelha e se assume corajosamente na escrita.

Sobre o texto *Imundação*

O nosso Gabriel, é o criador deste universo teatral, pelas diferentes perspetivas sobre os acontecimentos e suas memórias, e pela criação de um duplo, que é um outro diferente e não um outro duplicado e igual a si mesmo. Ele é um ser bipolar, mutante, extravagante, com quem qualquer um se pode identificar e dizer “reconheço a sensação”. Este dilúvio que o Gabriel receia e anseia, pode ser a libertação de tudo o que está escondido no nosso interior, e que aqui - neste espelho mágico que é o teatro - pode ser desejado e acarinhado, porque também faz parte de nós.

*Por Ana Luena (Encenadora e Diretora artística do Teatro Bruto-
Companhia do Porto/Portugal)*

IMUNDAÇÃO

GABRIEL
LAURINHA
DOUTORA IVA
PROFESSORA
DONA LUÍSA
LUÍSA
VERA

1.

GABRIEL MARCA O CÓDIGO DE SAÍDA E AVANÇA RÁPIDO, EM DIRECÇÃO À PORTA.

LAURINHA: Gabriel, estás com muita pressa? Não me queres dar uma mãozinha aqui no fecho?

GABRIEL: *Não, minha cabra! Faz tu o teu trabalho que eu também já fiz o meu!*

GABRIEL MARCA O CÓDIGO DE ANULAÇÃO DO CÓDIGO DE SAÍDA E VOLTA PARA TRÁS COM UM SORRISO SIMPÁTICO.

Claro, Laurinha. Fazemos isto num instante.

Mais vinte minutos atrás do balcão.

GABRIEL OLHA À VOLTA.

Está tudo deserto. Há umas horas eram cem ou duzentos, todos a falar ao mesmo tempo, a aproximarem-se do balcão, a estenderem-me a mão com cheques, dinheiro, cadernetas. Um ou outro, e é mesmo muito raro, lá me estende só mão, vazia, para me cumprimentar. Não sei muito bem como reagir ao abuso da relação.

LAURINHA: Gabriel, esta coluna não está a bater certo. Devo ter trocado qualquer coisa num dos cheques.

GABRIEL: *Que grandessíssima filha-da-puta. Pões-te com conversinhas com os clientes e depois trocas os valores dos cheques.*

Se quiseres, revemos a coluna outra vez.

LAURINHA: Não te importas?

GABRIEL: Claro que não, Laurinha! Não me custa absolutamente nada.

A água está a bater nas clarabóias. Começou o dilúvio.

LAURINHA: Ó Gabriel, não era para hoje que anunciavam o dilúvio?

GABRIEL: Não sei...

LAURINHA: Era para hoje, era... Que chatice. Eles pediam para as pessoas se manterem em casa...

GABRIEL: *Pois pediam, minha idiota. E era exactamente onde eu estaria se tu não tivesses feito merda outra vez. O som da chuva está a aumentar. Parecem pássaros pequenos, em bando, a atirarem-se contra o vidro da clarabóia.*

LAURINHA: Cheque número quinhentos e sessenta e dois, mil trezentos e cinquenta e sete euros.

GABRIEL: Confirmo.

Os pássaros furiosos estão a encher os céus com os seus corpos negros. Está a ficar escuro.

GABRIEL ACENDE A LUZ DA SECRETÁRIA.

LAURINHA: Cheque número quatrocentos e vinte e três, setenta e dois euros e vinte e cinco cêntimos.

GABRIEL: Confirmo.

GABRIEL OLHA PARA CIMA.

Os pássaros estão colados no vidro e observam-nos. São mesmo pássaros. Ninguém disse que eram pássaros a trazer o dilúvio.

LAURINHA: Cheque número setecentos e quarenta e nove, um euro e setenta e cinco cêntimos.

GABRIEL: Confirmo.

Quem é que desperdiça um cheque com uma quantia tão pequena? O barulho do bico dos pássaros a bater no vidro está a rebentar-me os ouvidos. Como é que a Laurinha não reage ao som dos pássaros?

GABRIEL VOLTA-SE PARA LAURINHA, PARA LHE PERGUNTAR SOBRE O SOM DOS PÁSSAROS.

LAURINHA: Descobri o que é que se passa!

GABRIEL: *Ela também acha esquisito isto dos pássaros.*

A sério?

LAURINHA: O cheque número setecentos e quarenta e nove, o de um euro e setenta e cinco cêntimos, tem um zero pequenino a seguir ao um. É de dez euros e setenta e cinco cêntimos.

GABRIEL: *Como é que tu não dizes nada sobre os pássaros?*

LAURINHA: Gabriel, agora já bate certo. Podes ir indo, não te quero tirar mais tempo.

GABRIEL: *E se eu saio e sou atacado por aqueles animais desesperados?*

Espero por ti. Queres beber um copo?

LAURINHA: *(SURPREENDIDA.)* Um copo?! Sim... Acho que bebia um copo...

GABRIEL: *E se esta cabra fizer questão que eu lhe salte à espinha?*

Ótimo! Vou só à casa de banho e volto já para sairmos.

2.

GABRIEL ESTÁ NA CASA-DE-BANHO. OLHA-SE AO ESPELHO.

GABRIEL: *Se calhar fiz uma expressão qualquer que a fez pensar que a queria comer. Estou com um ar vulgar...*

GABRIEL ABRE A DA TORNEIRA E REFRESCA OS PULSOS.

A merda do barulho dos pássaros está-me a dar cabo da cabeça... Vão rebentar com o vidro da clarabóia. Parece que o som está a ficar abafado, devem estar a esmagar-se uns contra os outros. A água está a aquecer... Está a ficar mesmo quente... Que é isto...? A água está a ficar castanha. Tenho que tirar os pulsos. Não consigo... A água está a ficar negra... O que é que se passa? Deve ser dos canos... O dilúvio deve estar a encher de lixo as condutas de água. Não estou a conseguir aguentar a temperatura da água! Tira os pulsos debaixo do jacto, Gabriel! Os meus pulsos vão-se abrir. Vão rebentar a qualquer momento. Há alguma coisa de muito estranho... Não consigo tirar os pulsos debaixo do jacto. O meu corpo não obedece. Vou gritar. Socorro. Não estou a conseguir gritar! Vou ficar todo queimado. Tenho os pulsos a escaldar... Reconheço a sensação.

3.

GABRIEL: (PARA A DOUTORA IVA.) Nos primeiros anos de escola, a professora escrevia no quadro frases para copiarmos para os nossos cadernos. Eu estou sentado atrás, ligeiramente mais para o lado direito da sala. Tento focar o meu olhar nas letras, mas os olhos não obedecem. Era como se uma força os impedisse de ver o mundo em concreto, em troca de uma visão mais global, mas desfocada. Depois das experiências do quadro, acontecia-me o mesmo quando olhava para as folhas de papel, para os livros, para um desenho geométrico... Não conseguia absorver o pormenor. Furtavam-se preciosos minutos naquilo, e talvez por isso nunca fui um aluno brilhante.

4.

PROFESSORA: Ele sabe, só que não quer fazer.

GABRIEL: Eu sei, mas não consegui perceber o que lá estava escrito.

PROFESSORA: Pode ser que depois disto o menino passe a estar mais atento. Estenda as mãos. (PAUSA.) Se eu tiver de voltar a repetir, vai ser com mais força. (PAUSA.) Agora já chega! Eu mandei-o estender as mãos, seu anormal!

5.

LAURINHA: Gabriel, está tudo bem? Gabriel? Estás bem?

GABRIEL: *O jacto desapareceu. Ótimo! Estava só aqui a refrescar as mãos.*

LAURINHA PREPARA-SE PARA LAVAR AS MÃOS.

GABRIEL: É melhor não abrires a água. Está esquisita...

LAURINHA ABRE A TORNEIRA.

Não sei se falei ou não... Agora já está! Vai queimar-se.

LAURINHA LAVA AS MÃOS. A ÁGUA ESTÁ NORMAL.

LAURINHA: Então? Vamos lá?

GABRIEL: *Se pensas que te vou saltar à espinha, estás completamente enganada, minha cabra. Tomamos um copo e cada um para seu lado.*

GABRIEL SAI ATRÁS DELA. ENQUANTO ATRAVESSA O EDIFÍCIO, OLHA PARA CIMA.

A clarabóia está toda negra. Já não se ouve o bicar dos pássaros. Ou ficou noite de repente, ou aqueles animais fizeram uma tal cama que se esmagaram uns aos outros, em forma de película opaca gigantesca.

GABRIEL E LAURINHA PASSAM PELA SEGURANÇA.

LAURINHA: Boa noite.

DONA LUÍSA: Boa, boa, não me parece que venha a ser... Tanto falaram do “dia D”, que ele chegou mesmo.

GABRIEL: Viu os pássaros?

DONA LUÍSA: Vi mais do que aquilo que gostaria de ter visto.

GABRIEL: Mas viu os pássaros?

DONA LUÍSA: Com a tempestade que está para vir, os pássaros já se esconderam. Olhe, era da maneira que acabávamos com a passarada na baixa. Esses ratos com asas estão a destruir tudo. Qualquer dia tomam conta disto e alimentam-se de pedacinhos de nós. Olhe que já faltou mais. Eu própria já fui atacada no cimo da cabeça uma vez. Estava a fumar um cigarrito ali à porta e vem um desses ratos voadores directo à minha cabeça. E não é que me picou mesmo? Foi por pouco que não peguei na arma e desatei aos tiros.

GABRIEL E LAURINHA SAEM PARA A RUA.

GABRIEL: *Ninguém reparou nos pássaros... É estranho...*

SILÊNCIO.

Não falas...? Diz qualquer coisa... Estou a ficar envergonhado. Não a devia ter convidado para beber um copo. Fala... Diz qualquer coisa, por favor... Isto está a ficar demasiado romântico...

LAURINHA: Não sabia que estes tipos andavam armados.

GABRIEL: *Finalmente!*

Ãh?

LAURINHA: Não sabia que estes tipos, os das empresas de segurança, andavam armados. A Dona Luísa disse que pouco lhe tinha faltado para descarregar a arma em cima do pássaro. É porque anda com arma.

GABRIEL: Não me parece que tenha direito a porte de arma, deve andar com ela escondida. Estes tipos são meio malucos e têm medo de perder o controlo da situação.

LAURINHA: Achas que ela se descaiu quando falou na arma? Mas isso é muito grave... Imagina que um dia a tipa se chateia e começa aos tiros às pessoas?

GABRIEL: *Que absurdo... Ou se calhar não é tão absurdo assim... Uma da tarde de sexta-feira, o banco à pinha com clientes impacientes por estarem a perder metade da hora do almoço, nós do lado de cá do balcão com uma fome trituradora, o mostrador das senhas enlouquece com um desses vírus virtuais e começa a disparar números ao acaso. O número quarenta e sete enfurece-se com o número oitenta e seis, que não tem culpa nenhuma de ter acabado de chegar e de já o estarem a chamar. Os números quarenta e nove e cinquenta e dois agem em defesa do colega quarenta e sete e dizem que se o oitenta e seis tiver a coragem de avançar para o balcão eles terão de fazer justiça pelas próprias mãos e nem o menino Jesus o poderá socorrer. O desgraçado do oitenta e seis, que só está a cumprir as regras de respeitar a ordem de chamada dos números, decide ir ter com a Dona Luísa, que está à porta a olhar para um grupo de miúdos do interior que desembocam na rua, saídos de uma camioneta com já cinco horas de viagem em cima. “A senhora não se importa de vir ali dar uma ajuda? O meu número foi chamado, mas estão ali uns senhores que não deixam que eu seja atendido.” A Dona Luísa puxa as calças da farda com ambos os polegares, numa atitude de afirmação antecipada e irrompe edifício adentro. No centro, bem debaixo da clarabóia, está uma confusão de gente que abana papelinhos cor-de-rosa e que esbraceja contra o mostrador dos números. A Dona Luísa começa a ficar nervosa e ao mesmo tempo atijada, como se toda a sua vida tivesse treinado para aquele momento. “Ora vamos lá ver o que é que se passa aqui.” Ninguém a ouve. “Tudo calado!” Continua insignificante. Pára com os braços ligeiramente afastados do corpo e com uma micro-expressão que só eu entendo, leva a mão direita à parte de trás da cintura das calças e desata a ejectar tiros em todas as direcções.*

LAURINHA: Não achas que é um bocado perigoso?

GABRIEL: Não... O Sr. Gabriel parece-me um homem pacífico...

6.

DOUTORA IVA: Porque é que não começamos pelo início? Chama-se Gabriel Jorge Ferreira Castro, certo?

GABRIEL: Sim. Gabriel.

DOUTORA IVA: Nasceu em 27 de Março de 1974, estou certa?

GABRIEL: Está.

DOUTORA IVA: Vive sozinho?

GABRIEL: Com a minha mãe.

SILÊNCIO.

DOUTORA IVA: Diga-me, Sr. Gabriel: é a primeira vez que reage da forma que reagiu na madrugada de ontem?

7.

GABRIEL: Dia 24 de Dezembro de 1982. A minha mãe agarrava o guarda-chuva com uma mão e a minha mão com a outra. Caminhávamos lado-a-lado. Ela dava passadas largas e eu a acompanhar. Cada passo dela eram três dos meus. Caminhávamos lado-a-lado. O cheiro do perfume dela deixava um rasto atrás de nós. Lembro-me de pensar que nunca me perderia. Nunca, desde que ela não se esquecesse de pôr perfume.

DOUTORA IVA: A sua mãe como se chama?

GABRIEL: Luísa.

DOUTORA IVA: Como a mulher segurança do banco?

GABRIEL: Como quem?

DOUTORA IVA: Como a mulher armada que toma conta do banco.

GABRIEL: Não é uma mulher.

DOUTORA IVA: Ontem quando aqui chegou, falava de uma mulher segurança chamada Dona Luísa.

GABRIEL: Está a confundir. No banco não há seguranças. São polícias e estão sempre a mudar.

SILÊNCIO.

DOCTORA IVA: A sua mãe... Como era a vossa relação? Davam-se bem?

GABRIEL: Sim...

DOCTORA IVA: De que é que se lembra, da sua relação de infância com ela?

8.

LUÍSA: Gabriel! Desce! (SILÊNCIO.) Desce! Tens o leite na mesa! (SILÊNCIO.) Estava a demorar... Vá senta-te e come. Tira a mão do bolso e come. (PAUSA.) O que é que levavas aí?

GABRIEL: Nada...

LUÍSA: Não andes com a colher assim às voltas, querido. Come, senão chegas tarde. Achas que a mãe está bonita? Então? Gostas do vestido novo da mãe?

GABRIEL: Sim.

LUÍSA: Para que é que mentes? Sei perfeitamente que este vestido não te agrada. (SILÊNCIO.) Que merda. Sabes que detesto mentiras, não sabes?

GABRIEL: Eu gosto do vestido.

LUÍSA: Gostas? E porque é que gostas?

GABRIEL: Porque é que gosto...?

LUÍSA: Gostas de quê? Da cor? Do tecido? Gostas de quê?

GABRIEL: (QUASE A CHORAR.) Gosto de tudo.

LUÍSA: De tudo? Da cor e do tecido?

GABRIEL: De tudo.

LUÍSA: Estás a mentir, Gabriel! Tu não gostas de me ver com vestidos. Nunca gostaste, pois não?

GABRIEL: Eu gosto de te ver de vestido.

LUÍSA: Pois... Se calhar até gostas...

LUÍSA FAZ-LHE UMA FESTA NO CABELO. GABRIEL AFASTA A CABEÇA E COMEÇA A COMER. SILÊNCIO.

Amanhã talvez vá falar com a tua professora. (SILÊNCIO.) Não vou ter novidades, pois não? (SILÊNCIO.) Bom... Não queres comer, vais com fome para a escola. Vai lavar os dentes e volta a descer.

9.

DOUTORA IVA: De que é que se lembra, da sua relação com ela?

GABRIEL: Lembro-me do cheiro do perfume dela.

DOUTORA IVA: Acho poética essa ideia de que não se perderia, desde que ela não se esquecesse de pôr perfume. Construiu essa ideia agora ou era um pensamento de criança?

GABRIEL: Era um pensamento de criança.

DOUTORA IVA: Teve outras pessoas significativas na sua infância? Pai? Irmãos? Avós? Primos...?

GABRIEL: Não me lembro...

DOUTORA IVA: Eu lembro-me de si. (PAUSA.) Não de si, claro. Mas de alguém parecido consigo... Chegava à escola sempre com a mãe. Despedia-se dela com os olhos no chão e depois entrava na sala de aula lentamente, sem olhar para os colegas, sem olhar para a professora... Como se quisesse que ninguém notasse a sua presença.

GABRIEL: Ai era?

DOUTORA IVA: Depois a professora olhava para si, fazia um comentário desagradável em relação ao seu ar débil e todos os seus colegas se começavam a rir. Com os olhos quase a saltarem para fora de tanto riso. As bocas enormes, largas, de onde saíam aquelas gargalhadas que iam ficando cada vez mais enormes e largas, até ocuparem todo o espaço da sala. Depois a professora começava a rir-se também... Era um riso histérico e muito fininho, que perfurava os seus ouvidos de criança.

GABRIEL: Talvez... Não tenho mesmo a certeza de que isso se tenha passado comigo.

DOUTORA IVA: Acho curioso que se recuse a aceitar esta recordação... Ontem, quando chegou estava sempre a repetir essa história... Não se lembra?

GABRIEL: Da recordação, ou de a ter contado?

DOUTORA IVA: De uma das duas.

GABRIEL: Lembro-me de ter contado algo parecido, mas não me lembro de ter tido essa vivência.

PAUSA.

DOUTORA IVA: A sua mãe punha sempre perfume?

GABRIEL: Não...

DOUTORA IVA: E isso perturbava-o?

GABRIEL: Ficava com medo.

DOUTORA IVA: De quê?

GABRIEL: De me perder.

DOUTORA IVA: A sua mãe ainda põe perfume todos os dias?

GABRIEL: Não...

DOUTORA IVA: E isso incomoda-o?

GABRIEL: Já não...

SILÊNCIO.

DOUTORA IVA: Que outros cheiros de infância recorda?

10.

LAURINHA: Está um cheiro esquisito no ar, não achas?

GABRIEL: Sim... Deve ser por causa dos pássaros.

LAURINHA: A baixa está a ficar insuportável, é só gaivotas e mais gaivotas...

GABRIEL: Não me parecem gaivotas...

LAURINHA: Assustam-me imenso as gaivotas... Acho que não deviam andar pela cidade. Às vezes sonho que centenas de gaivotas invadem a baixa. Vêm em massa, desorientadas, sem saber como voltar ao mar. Já imaginaste se isso acontecesse...? Acho que não saía de casa. Tinha medo que viessem contra mim... Nos meus sonhos, elas atacam-me na cabeça e tiram-me pedaços de cérebro. Só que eu continuo a sentir e a pensar. Tenho consciência dos pedaços de cérebro que vão sendo arrancados da minha cabeça. E às vezes demoro imenso tempo a acordar... Uma vez deixei que me comessem o cérebro até ao nível do nariz. Já só tinha um olho quando acordei... E o mais assustador foi que quando me levantei e me sentei na ponta da cama ouvi uma espécie de bicar na janela... Fiquei aterrorizada... Pensei que ainda estava a sonhar, ou que se calhar não tinha sido um sonho. Corri até ao espelho e, quando olhei para mim, não conseguia ver bem a minha cara... Parecia que não tinha metade da cara... Hoje tenho a certeza de que ainda estava a dormir quando me vi ao espelho... Por isso é que me causam arrepios, as gaivotas...

GABRIEL: Nesse sonhos, nunca dormes o suficiente para saber o que acontece depois...?

LAURINHA: Nunca... Ou então não me lembro... (PAUSA.) Nessas noites de pesadelos, gostava de ter alguém ao lado para poder perceber que já não estava a sonhar.

SILÊNCIO.

GABRIEL: *Foda-se... Já começa...*

LAURINHA: Vives sozinho?

GABRIEL: Com a minha mãe.

11.

VERA: Gabriel! Corre para aqui! Rápido! Esconde-te!

GABRIEL: Está escuro aqui...

VERA: Pois está... É para não nos verem...

GABRIEL: A minha mãe está à minha espera.

VERA: Chiu... Cala-te um pouco... (SILÊNCIO.) Dá-me a tua mão... Vá... Dá-me a tua mão... Tens medo de quê?

GABRIEL: De nada...

VERA: Sentes isto?

GABRIEL: Vera...

VERA: Sentes... Já tinhas sentido isto antes? Faz assim... Isso... Devagar... Tu não vês filmes...? Ai... Que bom... Ai Gabriel... Isso... Gabriel... Gabriel... És como o anjo...

12.

GABRIEL: Havia uma miúda...

DOUTORA IVA: Como?

GABRIEL: Recordo-me de uma miúda da minha infância...

DOUTORA IVA: Era da sua escola?

GABRIEL: Ela não podia vir à escola... A mãe não a deixava sair de casa...

DOUTORA IVA: E o que é que recorda dela...?

GABRIEL: Recordo a imagem dela na janela, a olhar para nós cá fora... A casa dela ficava em frente à escola e ela passava a hora do recreio a olhar para nós... Nunca abria a janela... A mãe tinha medo que ela ficasse doente... Parece que tinha uma doença de sangue muito grave... Não podia andar na rua, nem podia apanhar sol... Era linda... Muito pálida por nunca sair de casa. De cá de baixo, do recreio, conseguia ver os lábios dela... Muito desenhados e vermelhos... Acho que ela os pintava para mim...

DOUTORA IVA: Gostava dela?

GABRIEL: Acho que sim... Gostava de olhar para ela... Passava os recreios naquilo... Houve uma semana inteira em que ela não apareceu... As cortinas do quarto estavam fechadas e ela nunca aparecia... A mãe dela costumava ir uma vez por semana falar com a minha professora, pedia-lhe as lições da escola para poder ensinar à filha... Nessa semana, a mãe dela não apareceu e eu pensei que ela tinha morrido...

DOUTORA IVA: Deve ter sido angustiante...

GABRIEL: Muito... Acho que nunca me senti tão perdido...

DOUTORA IVA: Não pensou em tocar à campainha... Perguntar por ela...?

GABRIEL: Dizia-se muitas coisas sobre aquela casa... Não tive coragem...

DOUTORA IVA: Ela voltou a aparecer?

GABRIEL: Sim... Uma semana depois... Olhei para a janela e ela estava ali... A olhar para mim... Estava mais pálida do que o costume e os lábios não tinham cor... Então percebi porque é que tinha desaparecido... O batom tinha acabado e ela teve vergonha que eu a visse assim... Na manhã seguinte, tirei um batom vermelho da caixa de maquilhagem da minha mãe e levei-o no bolso das calças. Quando chegou a hora do recreio fiquei a olhar para a janela, a ver se ela aparecia... Queria mostrar-lhe o batom e fazer-lhe um sinal para que descesse... Mas ela não apareceu... Nunca mais apareceu... Soube mais tarde que os pais eram diplomatas e que ela passava a vida a mudar de escola.

DOUTORA IVA: Foi a última vez que a viu?

SILÊNCIO.

GABRIEL: Sim... Foi a última vez que vi a Vera.

13.

LAURINHA: Eu também vivo com a minha mãe... (PAUSA.) A minha mãe precisa bastante de mim... É uma pessoa doente... (PAUSA.) A tua mãe é doente...?

GABRIEL: *Foda-se*... Sim, é uma pessoa doente...

LAURINHA: Pois... Eu vi logo... Para ainda viveres com ela... Deves ser uma espécie de anjo da guarda, não é? (PAUSA.) Merda! Olha para ali! É uma gaivota! Nem de propósito... Parece que nos ouviram... Que branca que ela é... Parece que brilha, o branco dela... O bico até fica mais vermelho, vê? Se não te importas, cortamos por esta rua, pode ser...? Senão logo à noite vai ser bonito para adormecer...

GABRIEL: É só uma gaivota...

LAURINHA: Tu dizes isso porque não tens pesadelos como os meus... Prefiro desviar caminho do que passar a noite a sonhar que elas me comem o cérebro... Está ali outra... *Foda-se, foda-se*... (PAUSA.) Gabriel! Corre para aqui! Rápido! Esconde-te!

GABRIEL: Está escuro aqui...

LAURINHA: Pois está... É para não nos verem...

GABRIEL: A minha mãe está à minha espera.

LAURINHA: Chiu... Cala-te um pouco... (SILÊNCIO.) Dá-me a tua mão... Vá... Dá-me a tua mão... Tens medo de quê?

GABRIEL: De nada...

LAURINHA: Sentes isto?

GABRIEL: *Vera...*

LAURINHA: Sentes... Já tinhas sentido isto antes? Faz assim... Isso... Devagar... Tu não vês filmes...? Ai... Que bom... Ai Gabriel... Isso... Gabriel... Gabriel... És como o anjo...

14.

DOUTORA IVA: Essa rapariga... Imaginava um futuro com ela?

GABRIEL: Não sei...

DOUTORA IVA: Não sabe...?

GABRIEL: Imaginei o cheiro dela muitas vezes...

DOUTORA IVA: Quantas vezes?

GABRIEL: Todos os dias... (PAUSA.) Até ontem de madrugada...

DOUTORA IVA: E esse cheiro era agradável?

GABRIEL: Era familiar.

SILÊNCIO.

15.

LAURINHA: Desculpa... Fico desesperada quando vejo estes animais... (SILÊNCIO.) As extremidades da rua estão cheias de gaivotas... Importas-te que esperemos um pouco...? Não queria passar por elas...

GABRIEL: Tudo bem.

SILÊNCIO.

LAURINHA: Desculpa... A sério... Deves pensar que eu sou chanfrada... No banco pareço uma pessoa muito controlada, não é?

GABRIEL: Sim... Pareces...

LAURINHA: E a verdade é que sou... Eu sou uma pessoa muito controlada... Há muito tempo que não me acontecia isto... Que merda... Logo na nossa primeira noite...

GABRIEL: *Primeira quê?*

LAURINHA: Há tanto tempo que não me aparecia um animal destes pela frente e tinha de ser logo hoje... Isto é embaraçoso... Podes ir embora se quiseres... Eu espero aqui até que elas desapareçam.

GABRIEL: *Não quero ir para casa sozinho, mas também não quero ficar encaixado neste beco... Quero meter-me num bar e perder-me na confusão da música.*

Achas que eu te ia deixar sozinha nesse estado? Nem penses. Ficamos até que as gaiotas se vão.

PAUSA.

LAURINHA: Tu és mesmo especial, Gabriel... Sei disso desde a primeira vez que te vi... Foste o único que reparaste em mim naquele banco. Era o meu primeiro dia e eu tinha-me arranjado como nunca... Sentia-me bonita, mas parecia que ninguém reparava em mim. Tu vieste ter comigo, baixaste-te junto de mim e apanhaste do chão o meu batom vermelho...

16.

GABRIEL: Deixaste cair isto há pouco...

LAURINHA: Pois foi... Obrigada.

GABRIEL: É o teu primeiro dia... É natural que deixes cair coisas...

LAURINHA: Ia dar por falta dele depois do almoço.

GABRIEL: Não quero que o percas... Fica-te bem...

LAURINHA: Desculpa...?

GABRIEL: Ficas bonita de batom vermelho...

LAURINHA: Eu sinto-me bonita...

SILÊNCIO.

GABRIEL: No início isto parece confuso... Principalmente nas horas de ponta... Mas com o tempo vais habituar-te. Vais saber gerir o teu tempo. Vais ter tempo para te maquilhar.

LAURINHA: Parece-me tudo confuso... Acho confuso este tecto de vidro por cima de nós. Parece que estamos a ser observados e que se trabalharmos pouco se vai partir por cima de nós...

GABRIEL: É só uma clarabóia...

LAURINHA: Gosto de me sentir protegida... E este vidro imenso causa-me arrepios.

GABRIEL: Está sempre tão suja que é praticamente opaca. Dificilmente nos conseguiriam ver...

LAURINHA: O que é...o sujo?

GABRIEL: Merda de gaivota.

17.

LAURINHA: Caralho de gaivota! Sai! Sai! Gabriel! Tira-a de cima de mim!

GABRIEL: Está tudo bem... Calma... Já se foi... Acho que deve ter confundido o teu chapéu com algum tipo de peixe...

LAURINHA: E se eu não tivesse chapéu...? Afinal é mesmo verdade... A baixa está cheia de gaivotas desorientadas que procuram alimento...

GABRIEL: Ouve, Laurinha... Hoje é o “dia D”, lembras-te? Era para hoje que anunciavam o dilúvio... Com a tempestade que se está a pôr no mar é mais do que natural que as gaivotas venham para a baixa...

LAURINHA: Achas...?

GABRIEL: Acho que tens um chapéu esquisito e que não devias andar assim pela rua...

LAURINHA: Quem me dera ter uma arma... Sentia-me mais segura...

GABRIEL: São só gaivotas...

LAURINHA: Gosto de me sentir protegida... Se tivesse uma arma comigo ia-me sentir bem melhor.

GABRIEL: Que te parece se avançássemos e nos fôssemos enfiar num bar? Bebíamos um copo, ouvíamos uma música e esperávamos que o dilúvio passasse...

LAURINHA: E como é que saímos daqui?

GABRIEL: *Até que enfim!* Dá-me a tua mão. Conheço um atalho a meio da rua.

18.

LUÍSA: Correu bem, a escola?

GABRIEL: Sim.

LUÍSA: A professora disse-me que andas pensativo e que te distraís constantemente.

GABRIEL: Vejo mal para o quadro.

LUÍSA: Vês mal como?

GABRIEL: As letras e os números parece que me fogem da vista...

LUÍSA: Fogem da vista...?

GABRIEL: Sim... Mexem-se e transformam-se...

LUÍSA: A professora diz que tu não tens problemas de visão. Se tivesses, vias sempre mal para o quadro. E, pelos vistos, isso não acontece todos os dias...

GABRIEL: Acontece sempre que chove.

LUÍSA: O quê?

GABRIEL: Sempre que está a chover as letras fogem-me da vista.

LUÍSA: Fogem-te da vista...? Sempre que está a chover não consegues ler o que está escrito no quadro, é assim?

GABRIEL: Exacto. É muito estranho... Às vezes parece que as letras se transformam em...

LUÍSA: Em quê?

GABRIEL: Em...

LUÍSA: Vá... Não tenhas medo, Gabriel...

GABRIEL: Às vezes parece que as letras se transformam em pássaros.

LUÍSA DÁ-LHE UM ESTALO.

LUÍSA: Já para o teu quarto! És mesmo um anormal! Mas que merda fiz eu para merecer um filho como tu? Que merda fiz eu, Gabriel? Diz-me. Olha para mim! Não escondas a cara!

BATE-LHE COM VIOLÊNCIA. GABRIEL CAI NO CHÃO. LUÍSA DESATA A CHORAR E ABRAÇA-O.

19.

DOUTORA IVA: Disse-me que na escola “não conseguia absorver o pormenor”. Quer explicar melhor...?

GABRIEL: As coisas fugiam-me da vista.

DOUTORA IVA: Que coisas?

GABRIEL: Letras, números, imagens...

DOUTORA IVA: E acha que isso acontecia porquê?

GABRIEL: Acho que via mal...

DOUTORA IVA: Hoje vê mal?

GABRIEL: Não.

DOUTORA IVA: E não acha estranho que esse problema tenha passado...?

GABRIEL: As coisas continuam a fugir-me da vista...

DOUTORA IVA: As mesmas coisas? (SILÊNCIO.) E a sua professora notava que via mal?

GABRIEL: Achava que era fita...

DOUTORA IVA: Mas nunca chegou a consultar um médico especialista...?

GABRIEL: Sim... A minha mãe levou-me a um uma vez.

DOUTORA IVA: E então...?

GABRIEL: Estava sol e nesse dia eu estava a ver bem.

DOUTORA IVA: Nesse dia...?

GABRIEL: Eu acho que a minha visão era afectada pelo tempo. Como aquelas pessoas com problemas de ossos, reumatismos, e coisas assim...

DOUTORA IVA: Acho que estou a perceber... Quando estava sol, não tinha esse problema...

GABRIEL: Não. Quando chovia, a minha visão ficava estranha.

SILÊNCIO.

DOUTORA IVA: Explicou isso ao médico...?

GABRIEL: A minha mãe é que falava nas consultas.

DOUTORA IVA: Mas não tentou dizer nada acerca disso...?

GABRIEL: A minha mãe é que falava nas consultas. Era uma regra. Eu tinha dito à minha mãe. Ela não quis dizê-lo ao médico.

DOUTORA IVA: E porque é que acha que a sua mãe não quis dizer ao médico que via pior nos dias de chuva?

GABRIEL: Provavelmente esqueceu-se.

20.

LUÍSA: Vês como não tens absolutamente nada nos olhos, meu querido?

GABRIEL: Sim...

LUÍSA: O médico foi muito claro... Tens uma visão estupenda: a cem por cento.

GABRIEL: Mas hoje não está a chover.

LUÍSA: Se eu voltar a ouvir falar em chuva ou pássaros que de repente saem do quadro e voam na tua direcção, ficas uma semana de castigo no teu quarto. Se eu souber que falas com alguém sobre esses disparates, ficas um mês de castigo no teu quarto. Se calhar é mesmo disso que tu precisas... Estar um mês sem ver a luz do dia, para não saberes que tempo se põe lá fora.

21.

LAURINHA: Já conhecias este bar?

GABRIEL: Sim... Venho cá algumas vezes para fugir à chuva...

LAURINHA: É bom estar aqui dentro... Nem parece que lá fora está o tempo que está. (SILÊNCIO.) Desculpa aquilo das gaivotas... É uma coisa completamente idiota... Fico aterrorizada sem motivo... Nunca tinha contado isto a ninguém, por isso pedia-te que não o fizesses...

GABRIEL: És bonita... E como é que te sentes agora?

LAURINHA: Envergonhada. Mas sinto-me bem que tenhas sido tu a saber.

SILÊNCIO.

GABRIEL: Quando eu era miúdo tinha alterações de visão nos dias de chuva.

LAURINHA: A sério?

GABRIEL: Via de maneira diferente nos dias de chuva... (PAUSA.) É a primeira vez que conto isto a alguém.

SILÊNCIO.

LAURINHA: Compreendo...

22.

DOUTORA IVA: Compreendo... E como é que se sente?

GABRIEL: Envergonhado. Mas sinto-me bem que tenha sido a doutora a saber.

23.

LAURINHA: Essas alterações eram como?

GABRIEL: Peço mais uma garrafa?

LAURINHA: Esta ainda tem. (SILÊNCIO.) A minha mãe não gosta de mim. Quando eu era miúda, íamos à praia e ela competia comigo. Achava sempre que eu atraía mais olhares do que ela. Sentia-se obcecada pela minha juventude. Uma vez pegou num pedaço de vidro de uma garrafa como esta e fez-me um corte numa perna. Aqui. Toca. Não tenhas medo. Toca. Foi um lanho enorme, não foi? Quando me levou ao hospital, disse que eu me tinha cortado sozinha. Só ela é que falava com os médicos. Era uma regra lá em casa. Quando chegámos a casa, ela abraçou-se a mim a chorar e disse que nunca mais bebia. Pediu-me para tomar conta dela, para eu lhe prometer que nunca a abandonaria...

GABRIEL: *A tua mãe merecia que alguém lhe batesse a valer. Um dia, à noite, um homem de capuz preto na cabeça entrava pela porta adentro e atirava-se para cima da velhota. Batia-lhe várias vezes e, no final, fazia-lhe um lanho numa perna.*

LAURINHA: Estás a transpirar imenso. Sentes-te bem?

GABRIEL: *Essa gaja merecia que alguém a fizesse pagar por tudo o que te fez.*

GABRIEL PEGA NA GARRAFA.

LAURINHA: Gabriel! O que é que se passa? Fala comigo! O que é que estás a sentir?

GABRIEL PARTE A GARRAFA NO BALCÃO E CORTA-SE NUMA PERNA.

O que é que estás a fazer? Pousa a garrafa, por favor... Pára!

24.

DOUTORA IVA: Para mim era importante saber como eram essas alterações visuais.

GABRIEL: As coisas transformavam-se.

DOUTORA IVA: Transformavam-se em quê?

GABRIEL: Começavam a mexer-se e parecia que vinham na minha direcção.

DOUTORA IVA: O que é que vinha na sua direcção?

GABRIEL: Não se arme em esperta. Sabe perfeitamente que estou a falar dos pássaros.

DOUTORA IVA: Era importante ouvi-lo da sua boca.

GABRIEL: Nunca se assustou com nada?

DOUTORA IVA: Com certeza que sim.

GABRIEL: Não digo um susto ocasional, mas alguma coisa que a persiga para onde quer que vá...

PAUSA.

DOUTORA IVA: A sua mãe... Ela... Como é que ela...

GABRIEL: Afinal sabe como me fazem sentir os pássaros. (PAUSA.) Mas vamos voltar à minha mãe. Porque na sua cabeça ela é a resposta para chegar aos pássaros, não é?

DOUTORA IVA: Gostava de perceber o que o deixou nesse estado.

GABRIEL: Qual estado? O de ontem, de madrugada? O de há uma semana atrás? O do tempo da escola?

DOUTORA IVA: O de este momento.

SILÊNCIO.

25.

LAURINHA: Para que foi isso...? Eu estou bem... Ela arrependeu-se do o ter feito, Gabriel. Pediu-me desculpa... O que é que a tua mãe vai dizer quando te vir chegar a casa com as calças cheias de sangue? Vais assustá-la. É deste tempo... Parece que há uma espécie de electricidade no ar. Deves ter sido afectado por isso. A culpa foi minha, nunca te devia ter contado... Não pensei que pudesses fazer uma coisa destas.

GABRIEL: Estou bem. Agora sinto-me bem.

LAURINHA: Para onde é que estás a ir?

GABRIEL: Fico contigo.

LAURINHA: Não é isso... Para onde é que tu te estás a levar?

GABRIEL: Dança comigo, Laurinha. Não digas mais nada. Dança, só...

26.

LUÍSA: Gabriel! Dá-me aquela garrafa! Põe mais alto! Precisamos de música! Põe mais alto... O teu pai detestava esta música. E tu? Gostas desta música, ou achas que não presta?

GABRIEL: Acho que é normal.

LUÍSA: Normal! Tu és extraordinário, Gabriel! Nunca consegues dizer o que pensas realmente. Podes dizer...

GABRIEL: Não quero escolher.

LUÍSA: Não vais ter de escolher entre o pai e a mãe. A mãe escolheu-te primeiro.

GABRIEL: Eu gosto desta música...

LUÍSA: Pois gostas... Eu sei que gostas, meu amor... Anda cá... Vem dançar com a mãe. Anda... Eu ensino-te...

DANÇAM.

GABRIEL: É divertido...

LUÍSA: Vês como és normal, Gabriel? Nunca deixes que te digam o contrário. Nunca duvides. Nunca me esqueças, meu anjo.

GABRIEL: Eu nunca te vou esquecer...

27.

LAURINHA: Há muito tempo que não dançava.

GABRIEL: Eu, às vezes, dançava com a minha mãe.

CONTINUAM A DANÇAR. SILÊNCIO.

LAURINHA: Está-se tão bem aqui. É tão bom estar aqui contigo. Ainda para mais com

aquela tempestade lá fora. (PAUSA.) Somos as pessoas mais felizes do mundo...não é? Aqueles bichos, lá fora, não nos podem fazer mal.

GABRIEL: Eles vão querer fechar. Não vamos poder ficar aqui até amanhã.

LAURINHA: Ainda é cedo... Vamos aproveitar como se fosse o nosso último dia juntos.

SILÊNCIO.

GABRIEL: O batom fica-te bem.

LAURINHA: Ponho-o todos os dias porque sei que reparas.

GABRIEL: Havia uma miúda...

LAURINHA: Como?

GABRIEL: Recordo-me de uma miúda da minha infância...

LAURINHA: Era da tua escola?

GABRIEL: Ela não podia vir à escola... A mãe não a deixava sair de casa... Recordo a imagem dela na janela, a olhar para nós cá fora... A casa dela ficava em frente à escola e ela passava a hora do recreio a olhar para nós... Era linda... Muito pálida... De cá de baixo, do recreio, conseguia ver os lábios dela... Muito desenhados e vermelhos... Acho que ela os pintava para mim...

LAURINHA: Gostavas dela?

GABRIEL: Acho que sim... Gostava de olhar para ela... Passava os recreios naquilo... Houve uma semana inteira em que ela não apareceu... A janela ficava vazia durante os intervalos... Lembro-me de pensar que ela tinha morrido...

LAURINHA: Deve ter sido angustiante...

GABRIEL: Muito... Acho que nunca me senti tão perdido...

LAURINHA: Ela voltou a aparecer?

GABRIEL: Sim... Uma semana depois... Olhei para a janela e ela estava ali... A olhar

para mim... Estava mais pálida do que o costume e os lábios não tinham cor... Então percebi porque é que tinha desaparecido...

LAURINHA: Foi a última vez que a viste?

28.

VERA: Bom dia. Queria depositar este cheque, por favor.

GABRIEL: *Vera... Vera...*

VERA: Se faz favor. Queria depositar este cheque.

GABRIEL: *Vera...*

Sim... Claro...

É uma quantia tão pequena... Pode ser um sinal. Ninguém gasta um cheque por tão pouco.

Hoje está um dia estranho... Não acha?

VERA: Pois, talvez um pouco estranho, sim...

GABRIEL: (SUSSURRANDO.) É o “dia D”.

VERA: Confesso que me assusta pouco essa coisa do “dia D”. Se fosse realmente perigoso, ter-lhe-iam dito para ficar em casa. Para não vir trabalhar.

GABRIEL: Pois... É bem verdade... Tem lógica isso...

O que é aquilo? Está um pássaro cá dentro.

Desculpe. Está ali um pássaro. Não sei como entrou. Não se importa que vá chamar a segurança? As pessoas vão ficar assustadas.

Estou a ficar descontrolado... Há muito tempo que não me acontecia isto... Que merda... Logo no nosso primeiro encontro... Mas onde é que se meteu a Dona Luísa...? Ali está. Está ali... O que é que aquele quer? Está histérico... Já deve ter reparado no pássaro. Se os outros clientes reparam, isto fica um caos. Merda... Logo agora. Estão a olhar para a Vera. A apontar para a Vera...

DONA LUÍSA: Qual é o número da senha da senhora?

VERA: Oitenta e seis.

DONA LUÍSA: Pois... Mas aqui este senhor tem o número quarenta e sete e devia ter sido ele a ser chamado.

VERA: Não faço ideia... Este senhor chamou o meu número. Estou a cumprir as vossas regras. Chamaram o meu número e eu dirigi-me ao balcão.

GABRIEL: *Está tudo a olhar para nós... As pessoas estão a ficar excitadas com a confusão. A Dona Luísa está com um olhar estranho... Está a ficar excitada com a confusão...*

Foge, Vera! Foge! Ela vai começar aos tiros!

29.

DOUTORA IVA: Deixe-me voltar àquela rapariga da sua infância. Disse que depois daquele dia em que ela não apareceu à janela nunca mais a viu... O que é que acha que lhe aconteceu?

GABRIEL: Acho que teve de ir embora com os pais. Como lhe disse eram diplomatas.

DOUTORA IVA: Sim... Eu ouvi... Mas disseram-me que passou a noite toda a chamar pela Vera.

SILÊNCIO.

Na altura em que a conheceu, ela era uma criança, como você... Agora é uma mulher... Imagina como será a Vera-mulher?

GABRIEL: Não.

DOUTORA IVA: A Vera marcou-o profundamente...

GABRIEL: A minha mãe não gostava que as raparigas olhassem para mim, na praia.

DOUTORA IVA: Alguma vez lhe pareceu ver a Vera, numa dessas raparigas?

GABRIEL: Não. Eu nunca reencontraria a Vera na praia. Na praia, as mulheres não andam de lábios pintados.

DOUTORA IVA: A sua mãe pintava os lábios?

GABRIEL: Sim. A minha mãe era a única mulher de lábios pintados na praia...

DOUTORA IVA: Alguma vez ela descobriu que lhe tinha tirado o batom?

GABRIEL: Não.

30.

LUÍSA: O que é que estás a fazer no meu quarto, Gabriel? O que é que tens na mão?

GABRIEL: Nada.

LUÍSA: Mostra-me imediatamente o que é que tens na mão.

GABRIEL: Não é nada...

LUÍSA: Mostra-me!

GABRIEL: Não... Por favor, mamã...

LUÍSA: Agora já chega! O que é isto?! O meu batom?! Mas o que é que tu andas a fazer com o meu batom, Gabriel?!

GABRIEL: Nada... Ia pô-lo no sítio.

LUÍSA: Mostra-me os lábios! Vira a cara para aqui. Que merda é esta? Porque é que estás com os lábios pintados, meu paneleiro de merda?

LUÍSA COMEÇA A BATER EM GABRIEL.

GABRIEL: Pára! Estás a magoar-me!

LUÍSA: Vou-te matar, meu paneleiro! Filho-da-puta de paneleiro!

31.

DOUTORA IVA: Sr. Gabriel? Sr. Gabriel?

GABRIEL: Desculpe.

DOUTORA IVA: Em que é que estava a pensar?

GABRIEL: Em nada de especial...

DOUTORA IVA: Na sua mãe?

GABRIEL: Não...

SILÊNCIO.

DOUTORA IVA: E o seu pai?

GABRIEL: Não me lembro dele.

DOUTORA IVA: Não se lembra de nada?

GABRIEL: Lembro-me dos pássaros dele.

DOUTORA IVA: Ele tinha pássaros?

GABRIEL: Sim. Fazia criação de pássaros no quintal. Tínhamos uma espécie de capoeira gigante.

DOUTORA IVA: Lembra-se dele, a tratar dos pássaros?

GABRIEL: Não. Já lhe disse que não me lembro de nada dele. Só me lembro dos pássaros que ele criava.

DOUTORA IVA: E esses pássaros, como é que eram?

GABRIEL: Havia pássaros de todos os tipos. Eu detestava estar junto da capoeira. Cheirava mal.

DOUTORA IVA: Lembra-se do cheiro dos pássaros...

GABRIEL: Sim. Tinham um cheiro esquisito.

DOUTORA IVA: Alguma vez entrou dentro da capoeira?

SILÊNCIO.

O que é que aconteceu ao seu pai?

GABRIEL: Morreu. Eu era muito novo. Não me lembro dele.

DOCTORA IVA: E sabe porque é que morreu?

GABRIEL: A minha mãe disse-me que morreu na capoeira. Dentro da capoeira. Estava a tratar dos pássaros e morreu.

32.

LUÍSA: Anda cá, Gabriel... Hoje vamos libertar os pássaros. Vamos dar-lhes liberdade. Sabes o que é liberdade? Vamos abrir a porta da gaiola e vamos deixá-los sair. O papá já não está cá para os manter fechados. (PAUSA.) O papá já não está cá... (SILÊNCIO.) Vamos destruir a gaiola. (PAUSA.) O papá já não está cá... O papá já não está cá para te fazer mal. (PAUSA.) Nunca contes a ninguém. Ninguém viu... Ninguém sabe de nada... Só os pássaros é que viram... Vamos mandá-los embora... Deixá-los partir, como o papá partiu. Nunca ninguém vai saber. Ficas sempre com a mamã e a mamã promete-te que nunca mais ninguém te vai fazer mal...

33.

VERA ESTÁ ESTENDIDA NO CHÃO, DO BANCO, MORTA. DONA LUÍSA APROXIMA-SE DELA, COM UM CAPUZ NEGRO ENFIADO NA CABEÇA. AJOELHA-SE JUNTO DE VERA. TIRA O CAPUZ. APROXIMA-SE DA SUA BOCA PARA SENTIR SE ELA AINDA RESPIRA. OS LÁBIOS DE VERA ESTÃO PINTADOS DE VERMELHO. BEIJA-A.

GABRIEL: Vera...

34.

LAURINHA: Achas que as gaiotas já se foram embora?

GABRIEL: Acho que devem estar à nossa espera lá fora.

LAURINHA: E o que é fazemos? Se elas não se forem embora...?

GABRIEL: Elas estão livres... Não nos podem fazer mal...

LAURINHA: Não quero ir para casa.

GABRIEL: Vens para a minha. Ficas lá a viver comigo. Não voltas a ver a tua mãe.

De qualquer maneira, o homem de capuz negro na cabeça irá tratar dessa cabra esta noite.

LAURINHA: A sério...? Queres mesmo que vá viver contigo...?

GABRIEL: Quero muito, Laurinha... Quero que venhas para perto de mim. Os pássaros não te podem fazer mal, se eu estiver perto de ti.

LAURINHA: A minha mãe vai ficar furiosa...

GABRIEL: Vai acabar por passar-lhe...

Depois do encontro com o homem de capuz negro na cabeça vai-lhe passar...

LAURINHA: Se calhar devia avisá-la. Passávamos por minha casa e deixávamos-lhe um bilhete de despedida.

GABRIEL: Não há despedidas, Laurinha. Não há despedidas. Vais buscar as tuas coisas amanhã quando ela não estiver em casa.

Depois do homem de capuz negro na cabeça a ter adormecido.

LAURINHA: E a tua mãe, Gabriel? A tua mãe... O que é que ela vai achar quando me vir entrar pela porta da casa dela?

GABRIEL: Não te preocupes com a minha mãe.

Por esta altura, o homem de capuz negro na cabeça já está a tratar dela.

A minha mãe não nos vai incomodar.

Vai pegar numa garrafa e parti-la na ponta da mesa.

Ela já devia saber que, mais cedo ou mais tarde, nos iríamos encontrar.

O homem de capuz na cabeça aproxima-se dela com a garrafa partida na mão. Ela grita.

Ela dizia-me muitas vezes: “Quem é que vai tomar conta de ti quando eu partir...?”

O homem de capuz negro na cabeça está perto dela a sentir-lhe a respiração ofegante. Ela já não grita. Chora baixinho como no dia em que os pássaros partiram.

Não queria que eu a abandonasse. Achava que eu nunca seria capaz de tomar conta de mim...

O sangue escorre. É escuro. Ela já não está acordada. O homem de capuz negro na cabeça aproxima-se da sua boca para sentir se ela ainda respira. Os lábios estão pintados de vermelho. Beija-a como se fosse o meu pai.

Ela vai ficar muito contente quando souber que tenho alguém.

Ela ainda respira. O homem de capuz negro na cabeça corta-lhe a garganta. Depois olha para a janela. Um pássaro enorme assiste a tudo...

Vamos, Laurinha.

LAURINHA: Ainda tenho batom?

GABRIEL: Espera, eu pinto-te.

GABRIEL PINTA OS LÁBIOS A SI PRÓPRIO. OBSERVA O SEU REFLEXO NUM ESPELHO DO BAR. A SUA IMAGEM REFLECTIDA É A DE LAURINHA.

Estás bonita, Laurinha... Gosto de te ver de lábios pintados. Fica-te bem o batom. Eu sinto-me bonita...

ÚLTIMOS TEXTOS EDITADOS POLA R.G.T.

Carles Batlle: *Oasis*. Tradución: Afonso Becerra de Becerreá (nº 55)

Anxos Sumai: *Deus está de vacacións* (nº 56)

Cándido Pazó: *Dúas mamás* (nº 57)

Xosé Manuel Pazos Varela: *Ida e volta (Taxi)* (nº 58)

Sonia Torre: *Memoria* (nº 58)

Carles Batlle: *Esquecer Barcelona*. Tradución: Afonso Becerra de Becerreá (nº 59)

Santiago Cortegoso: *Hámster* (nº 60)

Suzanne Lebeau: *O ogrocho*. Tradución: Henrique Harguindey (nº 61)

Gustavo Pernas Cora: *Colgados* (nº62)

Josep María Miró: *A muller que perdía todos os avións*.

Tradución: Afonso Becerra de Becerreá (nº63)

Luis Araújo: *Por que as acacias non han dar xarope?*

Tradución: Xosé Manuel Pazos (nº64)

Abel Neves: *Nunca estive en Bagdad* (nº65)

Teté García, Marta Pérez, Rosa Puga, Vanesa Sotelo: *Expostas* (nº66)

Lluïsa Cunillé: *O tempo*. Tradución: Afonso Becerra de Becerreá (nº67)

Eduardo Alonso: *Piratas* (nº68)

Jose Maria Vieira Mendes: *Padam Padam* (nº69)

Joan Giralt Bailach: *Fóra feira* (nº70)

Josep Maria Miró: *O principio de Arquímedes*.

Tradución: Afonso Becerra de Becerreá (nº71)

María Xosé Queizán: *Ritos de sangue* (nº 72)

Consulta os textos publicados pola RGT na web:

www.revistagalegateatro.com